



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – (CEDUC II)**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**KALIGINA CARLA BAZILIO DE SOUZA**

**APOLOGIA À NÃO – EXISTÊNCIA EM DOIS POEMAS DE ÁLVARO DE  
CAMPOS: “*Tabacaria e Lisbon Revisited*”**

Campina Grande

2014

**KALIGINA CARLA BAZILIO DE SOUZA**

**APOLOGIA A NÃO – EXISTÊNCIA EM DOIS POEMAS DE ALVARO DE  
CAMPOS: “*Tabacaria*” e “*Lisbon Revisited*”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em filosofia da Universidade Estadual da Paraíba como um dos pré – requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

Campina Grande

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729a Souza, Kaligina Carla Bazilio de  
Apologia à não-existência em dois poemas de Álvaro de Campos [manuscrito] : "Tabacaria" e "Lisbon Revisited" / Kaligina Carla Bazilio de Souza. - 2014.  
23 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. Valmir Pereira, Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Literatura 3. Existencialismo 4. Autenticidade  
I. Título.

21. ed. CDD 100

KALIGINA CARLA BAZILIO DE SOUZA

**Apologia a não-existência em dois poemas de Álvaro de Campos:  
"Tabacaria" e "Lisbon Revisited"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 04/08/2014.



Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB  
Orientador



Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Simone Mariño Nogueira / UEPB  
Examinadora



Prof. Ms. Thiago Gomes da Silva Nunes / UEPB  
Examinador

# APOLOGIA A NÃO – EXISTÊNCIA EM DOIS POEMAS DE ALVARO DE CAMPOS: “*Tabacaria e Lisbon Revisited*”

**Kaligina Carla Bazilio de Souza<sup>1</sup>**

Prof. Dr. Valmir Pereira<sup>2\*\*</sup>

## RESUMO

O século XX, foi marcado por grandes conflitos e nesse período ocorreram as duas Grandes Guerras Mundiais, entre outros grandes acontecimentos. Nesse mesmo período, grandes intelectuais surgiram e participaram avidamente da história. A exemplo disso, temos nomes como o poeta português Fernando Pessoa e o filósofo francês Jean- Paul Sartre. Pessoa foi um poeta autêntico, que se desdobrou em vários “eus” heterônimos, entre esses está o poeta sensacionista Álvaro de Campos, que em poesias como: *Tabacaria* e *Lisbon Revisited*, revela condição do homem moderno, esse sujeito complexo que se angústia diante da sua existência e que a todo instante busca a negação da sua existência como algo autêntico. Em paralelo a este poeta evidencia-se o filósofo Jean- Paul Sartre, conhecido como o “papa” do existencialismo, que em sua filosofia, pensa a relação entre filosofia e vida de modo muito forte. O existencialismo Sartreano como humanismo pagão, é uma forma de pensar a filosofia e vida, ele combina a fenomenologia de Husserl, o pensamento de Heidegger e Marxismo. Tomamos como suporte teórico, a filosofia de Sartre, para assim defendermos a não-existência como algo autêntico do eu- lírico do poema “*Tabacaria*” e “*Lisbon Revisited*”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Literatura. Existencialismo. Autenticidade.

## ABSTRACT

The twentieth century was marked by major conflicts in this period were the two Great World Wars, the French Revolution, among other major events. In the same period, great intellectuals emerged and participated eagerly in history. The example we have names like the Portuguese poet Fernando Pessoa and the French philosopher Jean-Paul Sartre. Person was a true poet, that unfolded in various "selves" heteronyms, among them is the sensationalist poet Alvaro de Campos, in poems such as "Tobacco" and "Lisbon Revisited", reveals the condition of modern man, this complex subject that if anguish before his existênci, ae it all the time search the denial of its existence as something authentic. In parallel, this poet is evident in the philosopher Jean-Paul Sartre, known as the "Pope" of the existentialism that in his philosophy, thinks the relationship between philosophy and life in a very strong way. The

---

<sup>1</sup> Kaliginakhalil@hotmail.com

<sup>2\*\*</sup> Professor orientador.

Sartrean existentialism as pagan humanism is a way of thinking about philosophy and life, he combines Husserl phenomenology, Heidegger's thought and Marxism. We theoretically supported, the philosophy of Sartre, thus defending the non-existence of self-lyrical poem "Tobacco" and "Lisbon Revisited".

**Keywords:** Philosophy. Literature. Existentialism. Authenticity.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar o conflito de ideia entre existência e a não-existência como algo autêntico. O objetivo específico é defender a ideia de negação da existência como algo autêntico. Nesse sentido, tomamos como objeto de análise os poemas "*Tabacaria*" e "*Lisbon Revisited*" de Álvaro de Campos.

Assim, o problema a ser analisado consiste no conflito de ideias do existencialismo de Sartre, que a partir da filosofia existencial vai "acusar" o eu - lírico de ambos os poemas de ser um sujeito inautêntico, cafajeste e de "má fé". Disso, passamos a buscar os caminhos possíveis para defender a autenticidade do eu- lírico dos poemas.

Os poemas trazem ricas possibilidades de interpretação, e neste trabalho nos propomos a analisá-los sob dois pontos de vistas distintos. A primeira análise a ser feita será sob o ponto de vista da filosofia existencialista de Sartre, ao apontar para o eu-lirico, acusando-o das características supracitadas. Visto que, quando o eu- lírico faz apologia a não-existência, em certos momentos ele usa de desculpas para fugir da sua responsabilidade perante a vida, e com isso nega a sua liberdade. Para defender o eu- lírico de tais acusações, são válidos os argumentos baseados na interpretação de Heidegger, apresentada no livro o "Existencialismo é um Humanismo" de Sartre. Ou seja, será a partir da ideia de morte que surge nos versos dos dois poemas que poderemos argumentar em defesa do eu- lírico como um sujeito autêntico.

Tanto Sartre como Álvaro de Campos, defendem a ideia de que o homem precisa se libertar das imposições dogmáticas, pois ele é moralmente responsável pela própria vida. Tal afirmação pode ser evidenciada nos versos de ambos os poemas, pois em *Lisbon Revisited* ele diz: "Tirem-me daqui a metafísica" (CAMPOS, 1923) e o mesmo se percebe no poema "*Tabacaria*". Sartre se define como humanista, porém, numa visão de homem e de mundo longe da visão clássica filosófica, Álvaro de Campos também pode ser considerado um humanista.

Para isso, tomaremos como suporte teórico Huisman, tradução de Maria Leonor loreiro (2001) Moisés (2008) e (1968), Pessoa (1968) e (1972); Sartre, tradução de Virgílio Ferreira (1970) e Zuin. Concluimos que o homem, assim como o eu- lírico dos poemas, pode estar no mundo contra a sua vontade, pode até negar a sua existência, no entanto, isso não faz dele um sujeito inautêntico. Uma vez que, quando o sujeito reconhece a possibilidade da morte diante da vida, em outras palavras, ele se compreende como um existente. Nos poemas, o reconhecimento da morte para eu- lírico é visto não como um fim da vida, mas como uma possibilidade da existência, e assim, entendemos o eu- lírico como sendo um ser autêntico.

## 2. SOBRE ÀLVARO DE CAMPOS (HETERÔNOMO DE FERNANDO PESSOA) E JEAN- PAUL SARTRE

Contemporâneos, Álvaro de Campos e Jean- Paul Sartre viveram em uma época marcada por profundos conflitos, dentre eles a Primeira Guerra Mundial, o processo desencadeado na segunda Revolução industrial, entre outros.

Álvaro de Campos é um dos muitos heterônimos do português Fernando Pessoa, e por que não dizer, o mais importante de seus heterônimos. Há inclusive quem indague a possibilidade de ser Campos um heterônimo-pseudônimo. Tal referência pode ser vista no livro do professor Massaud Moisés, Quando este diz:

[...] Álvaro de Campos seria o “Fernando Pessoa” de quem Fernando Pessoa seria heterônimo, como se, na verdade tivéssemos um poeta, Álvaro de Campos, e um seu heterônimo, Fernando Pessoa. Teríamos um, enfim, um heterônimo-pseudônimo (Álvaro de Campos) e um ortônimo-heterônimo (Fernando Pessoa). Como ao menos sugerir uma demonstração? Basta ver quanto Álvaro de Campo, por ser moderno, íntegra em sua visão de mundo elementos que andam dispersos pelos demais, e que poderiam gerar outros heterônimos. (MOISÉS, 2008, p. 336).

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa no ano de 1888, seu nome era Fernando Antônio Nogueira Pessoa. Seu pai falecera no ano de 1893, e sua mãe, no ano de 1895, casou-se com o comandante João Miguel Rosa. Juntos, partiram para Durban, na África do Sul. Em 1905, Fernando Pessoa regressa sozinho à Lisboa, onde matricula-se na Faculdade de Letras e cursa filosofia. Em 1912, ele publica na revista *Águia* uma prosa ensaística. Em 1915, ele funda com alguns amigos a revista *Orpheu*. A revista apresentou dois números apenas, porém foi um número suficiente, como diz Massaud Moisés, esse número “foi o bastante para operar radical transformação na poesia portuguesa”. (1999, p.10).

Entretanto, encontramos nesse projeto nomes como Mario de Sá Carneiro, Almada Negreiros, Armando Cortes Rodrigues, Alfredo Pedro Guisado, Ângelo de Lima, Raul Leal, Luís de Montalvor e José de Santa Rita e o brasileiro Ronald de Carvalho. Entre estes nomes além de Fernando Pessoa dois outros merecem destaque, são estes: Mario de Sá-Carneiro e Almada Negreiros.

Mario de Sá-Carneiro, um dos grandes companheiros de Pessoa na revista *Orpheu*, nasceu em Lisboa no ano de 1890. Era filho único, e aos 26 anos incompletos suicidou-se. Em 1912, ele realizou uma viagem à Paris para cursar direito, e neste mesmo ano publicou um livro de contos, *Princípio*. No ano de 1914, de férias em Lisboa, ele se junta a Fernando Pessoa e outros nomes, citados anteriormente, para fundar a revista *Orpheu*. Mário de Sá-Carneiro, entre os anos de 1958-1959, escreveu cartas a Fernando Pessoa, entre as quais ele relata a sua intenção de suicidar-se. As cartas, como descreve Moisés, “foram escritas em dois volumes, de indiscutível importância para se compreender o seu caso íntimo e a trajetória estética.” (2008, p.340).

Almada-Negreiros, como era chamado José Sobral de Almada-Negreiros, nasceu em Lisboa em 1893. Após o término dos seus estudos nos anos de 1912, ele participa avidamente de uma campanha, contribuindo para que Portugal se nivelasse culturalmente a outros países da Europa. Em 1915 ele participa da revista *Orpheu*.

Em uma carta escrita ao diretor do “Diário de notícias”, datada em 04 de Junho de 1915, Álvaro de Campos, engenheiro e poeta sensacionista, como assina a carta, faz duras críticas ao que ele chama de ignorância da crítica a respeito do futurismo. Ainda, de acordo com Moisés (1999), a revista foi um divisor do fazer poético em Portugal. Segundo ele:

Tal ideia, que no princípio do movimento teria sido inconcebível, visto que os membros de Orpheu davam a impressão de comprazer-se num divertimento inconsequente, está hoje plenamente consagrada. Grosso modo, o evoluer da portuguesa ordena-se ao longo dos três segmentos: antes de Camões, isto é, a Idade Média; depois de Camões, do século XVI ao XIX, e após Fernando Pessoa, ou seja, de 1915 aos nossos dias. Reportando-nos às duas etapas finais, observamos que é óbvia ressonância de Camões em poetas deste século. Entretanto, em 1915, se processa a ruptura da hegemonia camoniana, e a instauração da hegemonia órfica, ou, mais precisamente pessoana (MOISÉS, 1999, p.10-11).

Assim, podemos observar que passadismo e futurismo coexistem no cenário do modernismo português, porém, é a poesia futurista de Álvaro de Campos que coloca Portugal no cenário vanguardista Europeu. Fernando Pessoa é considerado o maior poeta português depois de Camões. De acordo com Moisés, ele:



[...] conseguiu superar e enriquecer a velha herança recebida. E a tal ponto procedeu na superação e no enriquecimento das matrizes poéticas portuguesas, que alcançou realizar feito semelhante ao de Camões: enquanto neste começou um ciclo poético que veio a receber o epíteto de camoniano, em Fernando Pessoa principia o ciclo pessoano, evidente nas novidades que vem revelando, seja de conteúdo, seja forma poética, aqui separados apenas por motivo de clareza. [...] o poeta não assimilou o passado lírico de seu povo como refletiu em si, à semelhança dum poderoso espelho parabólico, as grandes inquietações humanas no primeiro quartel século XX. Com suas sensíveis antenas, captou as várias ondas que traziam de pontos dispersos a certeza de que a Humanidade vivia uma profunda crise de cultura e de valores. [...] a sua poesia tornou-se uma espécie de gigantesco painel de registro sismográfico das comoções históricas havidas em torno e em razão da guerra de 1914. (MOISÉS, 2008, p.334).

Ainda dentro da cronologia dos fatos da vida de Fernando Pessoa, em 1924 publica *Mensagem*, seu único livro em português, em 1925 ele perdeu a sua mãe. Depois de extinta a revista *Orpheu*, Pessoa passa a colaborar em outras revistas, como: *Centauro* (1916), *Athena* (1924 -1925), *Contemporânea* (1922 -1923) e *Presença* (1923). Em 1935, o poeta morre em Lisboa de complicações hepáticas.

Mas aqui nos interessa saber quem é o principal heterônimo que Fernando Pessoa chamou de Álvaro de Campos. Ele é um engenheiro naval da casa Fosyth, e principal responsável pela revista *Orpheu*. Nasceu em Lisboa em 13 de outubro de 1890 e viajou pelo Oriente e pela Europa. Álvaro de Campos, em 1919, descreve a crise vivida na Europa. Fala principalmente da situação da Inglaterra com relação a progresso industrial. Assinala para críticas aos governos, pois segundo ele os governantes tem sido incapazes de resolver os problemas com os quais têm se deparado. De todos os heterônimos de Pessoa, este, como já mencionamos, é o que mais se assemelha ao ortônimo Pessoa. Como vemos, esse é um poeta com uma identidade real e nada tem a ver com “pseudônimos”, confusão que é muito comum de ocorrer quando se fala dos heterônimos de Pessoa. Pseudônimos são nomes falsos para esconder o verdadeiro, enquanto heterônimo é o contrário disso. Logo observamos em Pessoa que outros nomes existiram nele mesmo, pois segundo Moisés:

Os heterônimos constituem, por isso, meios de conhecer a complexidade do real, impossível para uma única pessoa. O poeta não poderia, obviamente, multiplicar-se em número igual aos seres viventes nas três dimensões temporais. Em vista disso, multiplica-se em heterônimos-símbolos, como lhe fosse possível chegar a cosmovisões arquetípicas, necessariamente pouco numerosas, nas quais se enquadrariam todas as cosmovisões particulares, incapazes de se expressar como tal. Seria como encontrar visões-matrizes da realidade [...] (MOISÉS, 2008, p.334).

Com isso, observamos que muitos foram os heterônimos de Pessoa, entre os quais os que mais se destacaram foram: Alberto Caeiro (1946), o poeta simplista, Ricardo Reis (1946)

o poeta que simbolizava a forma humanística de ver o mundo e Álvaro de Campos, o poeta moderno já mencionado no decurso deste trabalho.

Ao passar pela cronologia de Pessoa (ortônimo) e Campos (heterônimo), iremos caminhar para cronologia de Sartre.

O existencialista Sartre nasceu sete anos depois de Fernando Pessoa, em 21 de junho de 1905. Provindo de uma família burguesa, filho de um oficial da marinha, perdeu seu pai ainda muito jovem, tendo sido educado pela sua mãe e pelo seu avô. O pai de Sartre morreu no ano de 1906, fato que para ele marcou muito a sua vida, pois como ele escreve “A morte de Jean-Baptiste foi o grande caso de minha vida; devolveu minha mãe a suas cadeias – ou seja, à sua família – e deu-me a liberdade [...] Foi um mal ou um bem? Não sei; mas subscrevo de boa vontade o verdadeiro de um iminente psicanalista: não tive superego.” (HUISMAN, 2006, p.118 *apud* SARTRE).

A mãe de Sartre, Anne-Marie, era oriunda de família da Alsácia, como descreve Huisman em seu livro, ela era prima do doutor Schweitzer que ganhou o Prêmio Nobel da Paz no ano de 1952. Aos dez anos, Sartre começou a ser escolarizado. Sua mãe casa-se de novo com diretor das construções navais Joseph Mancy. Sartre, ao mesmo tempo em que era hiperativo, era muito estudioso. Em 1923 publicara a novela *L'Ange Du morbide*, sob o pseudônimo de Jacques Guilemin, nome de solteira da sua mãe.

Em 1928, Sartre, tendo sua formação filosófica, concorre a um vaga para lecionar filosofia, em que contrariando as expectativas, é reprovado. Porém, no ano de 1928 ele volta a se apresentar no mesmo concurso e conhece a sua maior parceira, Simone de Beauvoir. A amizade amorosa entre eles durou a vida inteira, ele a chamava de castor. Depois de passar por um serviço militar, Sartre é nomeado professor no Liceu Havre. Entre 1931- 1936 Sartre ministra suas aulas fascinando a todos e, também nesse período, muitos foram os escritos.

Em 1940 é preso e liberto por questões de saúde. Visto como o “papa” do existencialismo, ele procura refletir a condição humana em meio a duas grandes guerras. O legado da sua filosofia combina filosofia e literatura e, sobretudo, filosofia e existencialismo. Sartre se define como humanista, no entanto, a sua visão de homem e de mundo está longe da tradição.

Ao passar pelos caminhos da cronologia desses dois grandes nomes da modernidade, percebemos que os principais fatos que sucederam suas vidas têm muito em comum. Por exemplo, ambos perderam seus pais ainda jovens, suas mães casaram novamente, foram morar em outro país e ambos são fascinados pela questão da humanidade. Assim, temos de

um lado um gigante da literatura portuguesa e do outro um filósofo francês, que chega a ser comparado com grandes mestres da filosofia, como Descartes e Zola.

## 2.1 Sobre o século XX (Modernismo e Existencialismo)

Como se sabe, o século XX foi marcado por grandes conflitos, entre eles, a primeira grande guerra mundial no ano de 1914. De acordo Zuin *apud* Serra:

O trágico início do século XX, em 1914, promoveu um momento histórico no qual o sentido da história e o sentido do papel dos intelectuais aparecem como um decisivo *problema*, seja no campo da poesia e da literatura, seja no domínio da filosofia e das recentes ciências humanas. A eclosão da Primeira Guerra Mundial revelou a existência de uma situação nova e sem precedentes na história. A tremenda fúria destrutiva dos exércitos nacionais numa guerra total alterou, decisivamente, os sentidos que recobriam as palavras e os objetos, as tradições e os valores morais, a ciência e a razão, a barbárie e o progresso, o passado e o presente, as concepções de mundo e o poder. A bestial onda de destruição, que resultou em "um número de vítimas maior do que o dobro dos mortos em todos os conflitos de relevo ocorridos entre 1790 e 1914" (Serra, 1992, p. 17), modificou tanto o sentido da história como o sentido da missão dos intelectuais (ZUIN *apud* SERRA, p.67).

O fato supracitado pode ser comprovado no decurso deste trabalho, pois tanto Pessoa quanto Sartre estavam intimamente ligados as questões de seu tempo, fosse na literatura, filosofia ou na política. Nesse mesmo período os intelectuais adquiriram respeitabilidade e autoridade acadêmica e civil, como aponta Zuin em seu artigo.

A Primeira Guerra Mundial deixou várias marcas nos sujeitos, fazendo com que a concepção de mundo e os valores morais fossem sujeitados a um novo olhar. Os avanços tecnológicos empreenderam a dominação da máquina nas atividades que antes eram exercidas exclusivamente pela força dos homens, e, com isso, o homem observou o seu tempo sendo tragado, dominado pela máquina.

Álvaro de campos, em seus poemas, *Tabacaria* e *Lisbon Revisted*, trata desses conflitos, ou seja, ele os apresenta por meio do eu- lírico, numa linguagem rica em detalhes que lembra a “*thécne*”, a relação do homem e da maquina em seu tempo.

Com relação ao modernismo, podemos compreendê-lo pelo humanismo, pois a partir do século XVII a civilização passou a se voltar para outro eixo, ou seja, pela hegemonia do homem, longe das convenções dogmáticas e moralmente responsável pela sua vida. Portanto, temos o homem nesse período como “livre”, responsável por construir o seu destino. Este homem vai moldar o seu destino diante das artes, da ciência, da técnica entre outras atividades. Assim, observamos o início da história moderna.

## 2.2 Análises dos poemas “*Tabacaria*” e “*Lisbon Revisited*”

No poema *Tabacaria* de Fernando Pessoa, escrito sob o heterônimo de Álvaro de Campos, em 1928, observamos um eu lírico que busca a todo instante negar a sua existência, e isso fica evidente já na primeira estrofe do poema quando o eu- lírico diz: Não sou nada / Nunca serei nada / Não posso querer ser nada / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo [...] (Álvaro de Campos, 1928).

À medida que o poema vai se desenvolvendo, o eu- lírico vai dialogando com a filosofia existencialista, e de modo peculiar com a filosofia existencial de Sartre.

De acordo com Huisman *apud* Sartre:

O homem, em compensação, vai nascer, viver e se desenvolver sozinho, sem que nenhuma “essência” ou “natureza” anterior lhe possa impor um modelo a seguir, um destino a cumprir. Ele está aí, surge, “existe” *hic et nunc* e vai formar a si mesmo sem nenhuma casualidade. “Fazer e, ao fazer, fazer-se e não ser nada do que se faz”, dirá Sartre. A existência humana é contingência, ou seja, liberdade e indeterminação. (HUISMAN, 2001, p.128)

Dito isso, observamos nos primeiros versos da segunda estrofe, um homem que está a observar a vida como um cenário, através da janela do seu quarto. Este eu- lírico toma conhecimento da sua solidão, ou seja, ele reconhece que é só no mundo, como observamos no segundo e terceiro versos da segunda estrofe do poema.

O eu- lírico tem consciência de que existe, e, portanto, quando se tem consciência de que existe, tem consciência de que é livre. Então o eu- lírico se projeta para dentro do seu quarto negando a sua liberdade, ou tentando negá-la, pois ser livre implica em ter responsabilidade. Assim, de acordo com Huisman (2001, p.133) “Somos inteiramente responsáveis por nossos atos e nossa liberdade nos obriga a prestar contas a, e contra todos de nossas escolhas deliberadas”.

Portanto, o homem está condenado a ser livre, pois é destino do homem ser livre. A realidade do homem é a liberdade, isto é, a subjetividade e a liberdade são idênticas. A liberdade não é uma definição, ela abre as possibilidades de escolhas do homem e, à medida que estas escolhas são feitas, exercemos nossa liberdade e dividimos com a nossa responsabilidade, que também pode ser dividida com Deus, com a sociedade, com a filosofia e com outras coisas.

Desse modo, como já dissemos, o eu- lírico se tranca em seu quarto, como se quisesse fugir das suas responsabilidades, para não tomar parte sobre as coisas existentes, ou seja, o mundo fora da janela, o mundo real. No entanto, de acordo com Sartre:

[...] o primeiro esforço do existencialismo é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável por sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1970, p.218)

Portanto, toda e qualquer escolha que o eu - lírico faça, por mais individual que possa parecer, implica na responsabilidade dele para com ele mesmo e com os outros homens, mesmo que estes “*outros*” estejam do lado de fora da janela. No poema, o eu- lírico deixa claro no segundo verso da terceira estrofe, quando diz: “Estou hoje dividindo entre a lealdade que devo” (CAMPOS, 1928). O eu- lírico toma conhecimento dessa lealdade que deve, ou seja, a palavra “deve” nos remete a ideia de que está comprometido a fazer algo, portanto, é ato de responsabilidade. Porém ele escapa da responsabilidade, quando diz que está dividido, ou seja, mais uma vez, podemos constatar a tentativa de negação do eu lírico perante a existência, pois sempre há uma desculpa pra suas ações. Assim, reconhecemos nos versos seguintes, a exemplo dos versos da quinta estrofe, a recusa do “existir” do eu - lírico.

Falhei em tudo / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada. / Desci dela pela janela das traseiras da casa / Fui até ao campo com grandes propósitos. / Mas lá encontrei só ervas e árvores, e quando havia gente era igual à outra / Saio da janela, sento-me numa cadeira / Em que hei de pensar?[...] (CAMPOS, 1928).

Com base na referida citação, podemos concluir que no poema *Tabacaria*, o eu- lírico é esse cafajeste inautêntico e de “má fé”. Neste, Álvaro de Campos dialoga com a corrente existencialista, sobretudo com filosofia existencialista de Sartre.

Segundo o existencialismo Sartreano, o homem é angustia, e quando este tenta recusar a sua existência, ou negar que existe, e forjar a sua angustia com desculpas, ele caminha para o que Sartre chama de “má fé”.

Sendo assim, de acordo com Sartre *apud* Huisman “[...] a humanidade vai dividir-se entre aqueles cuja existência será autêntica, que assumirão inteiramente sua consciência de ser (seu “para si”) e aqueles que, recusando assumir seu “para si”, se refugiarão no “em - si” tornando o que Sartre chama os “cafajestes inautênticos e de “má fé” (2001, p.140).

Logo, podemos constatar que o eu – lírico tenta disfarçar a sua angústia, sempre tem uma desculpa para justificar aquilo que não fez, ou que tentou fazer, mas não quis continuar fazendo.

No caso do poema *Lisbon Revisited*, segundo Moisés (1968, p.401) Álvaro de Campos representa-se no poema, ou seja, é a voz do poeta (ortônimo) representado na voz do eu-lírico (heterônimo). Assim, como no poema *Tabacaria*, em *Lisbon Revisited* há negação implícita, ou seja, há em ambos os poemas a presença marcante de um niilismo. Portanto, observamos que o eu- lírico é um pessimista que procura se afastar do caminho cético. Isso fica comprovado quando ele diz: “Sou um técnico, mas só dentro da técnica. /Fora disso sou doido, com todo direito a sê-lo” (Campos, 1923). Ou seja, o eu-lírico pede para não ter ciência e ser sensação, pois de acordo com Moisés *apud* Pessoa (1968, p.400) “Todo objeto é uma sensação nossa. Toda arte é conversão duma sensação em objeto. Portanto, toda arte é a conversão duma sensação numa outra sensação”.

Para Sartre, o homem é definido pela sua ação, ou como diz ele:

[...] o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é portanto nada mais do que um conjunto de seus atos, nada mais que sua vida [...] o homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos. (SARTRE, 1970, p.241 -243)

E, assim, podemos constatar que tanto o poeta quanto o eu lírico não busca explicações para sua existência, simplesmente querem sentir o universo a sua volta, visto que “Viver é sentir”.

Porém, há no poema *Lisbon Revisted* uma ideia que vai contra a ideia existencialista de Sartre, pois o eu- lírico tende a não querer ser nada, a querer estar parado, sem ação. Isso fica evidente nos primeiros versos da primeira estrofe “Não: não quero nada. /Já disse que não quero nada”.

Campos, em ambos os poemas, faz apologia de estar sozinho. Em *Tabacaria* quando ele fica trancado em seu quarto e em *Lisbon Revisited*, quando ele pede para que não peguem pelo braço. “Não me peguem no braço! / Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho”. Há nos poemas um pessimismo exacerbado, e em *Lisbon revisited*, ele diz que “A única conclusão é morrer”. Isto é pessimismo, mas que surge como uma situação limite da existência. O eu- lírico recorda infância e, ao se reportar a esta época, exclama “Ó céu azul- o mesmo da minha infância- / Eterna verdade vazia e perfeita!” (CAMPOS, 1923), o céu azul reflete o anseio do eu- lírico em encontrar a paz, pois Lisboa não era mais o que foi outrora. Essa passagem do poema reflete não só a inquietação do eu- lírico, mas a inquietação de um período marcado por grandes transformações, sobretudo o imperialismo da maquina.

Portanto, o eu- lírico, em ambos os poemas, deixa prevalecer à negação da existência (não/nada).

Uma vez tendo analisado brevemente os poemas sob um olhar da filosofia existencial de Sartre, constatamos que o eu- lírico foi “acusado” por sua filosofia de ser um sujeito “cafajeste, inautênticos e de “má fé”. Disso, então, decorre o problema do nosso trabalho.

Nesse sentido, o esforço do presente trabalho consiste em defender o eu- lírico, de tais acusações. Os argumentos para defesa do eu- lírico como um ser autêntico, surge nos versos em que ele alude para a morte, como observamos em “*Tabacaria*” quando este diz: “Ele morrerá e eu morrerei” e em “*Lisbon Revisited*”, quando diz: “A única conclusão é morrer”. Então, de acordo com a citação do pensamento de Hegel no livro “*O Existencialismo é um Humanismo*” de Sartre, vemos que:

O homem inautêntico disfarça a sua morte [...] Assumi-la, pois, é sermos autênticos. E porque essa autenticidade não importa ao fato exclusivo de morremos, mas a tudo o que retrospectivamente se desencadeia, é no dia-a-dia que é homem autêntico enfrenta essa possibilidade. (SARTRE, 1970, p.78).

Ou seja, o homem ver a morte não como um fim da existência, mas uma possibilidade dela, e, a vida não se finda com a morte. Verificamos isso nos versos da décima quarta estrofe do poema “*Tabacaria*”.

Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta / Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada / E com o desconforto da alma mal-entendendo / Ele morrerá e eu morrerei / Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos / A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também / Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta / E a língua em que foram escritos os versos. / Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu. / Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente / Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas, (...) (CAMPOS, 1928).

Logo, podemos observar que o eu- lírico em “*Tabacaria*”, não se afasta da possibilidade da morte. Não diferente disso, o mesmo ocorre com o eu- lírico em “*Lisbon Revisited*”. Com relação a isso, Huisman em sua análise, no livro *História do Existencialismo*, diz que:

[...] “a vida autêntica é este reconhecimento de um *ser-para-morte*, que se manifesta mediante a certeza da morte [como] possível a cada instante”. A responsabilização do indivíduo frente a sua própria morte (como não sendo adiada ou remetida ao ‘fim da vida’) é, portanto, a tomada de consciência profundamente existencial de que ele não deve a significação de sua existência a nada a senão ao seus próprios atos, e sobretudo não deve à utilidade e à ‘atividade’ cotidiana. O ser autêntico é aquele que reconhece sua morte como única especificidade, visto que ninguém pode substituí-lo em sua própria morte; assim, ela é única coisa que lhe pertence

propriamente. Ela é, não uma atração mórbida da decadência, mas a única via de acesso a liberdade. Compreende-se que a autenticidade não é um sistema de valores quanto a um verdadeiro trabalho sobre si mesmo, com vistas a atingir uma certa maturidade susceptível de nos fazer aceitar nossa condição como ela é. (HUISMAN, 2001, p. 116)

Com base nessa afirmação, podemos eximir o eu- lírico de ambos os poemas do peso da acusação de ser um inautêntico. Mas enquanto ao dito do eu- lírico em considerar-se um nada, o que podemos compreender disso? Essa negação de ser um nada do eu- lírico pode ser compreendida segundo o ponto de vista de Heidegger, pois segundo ele: “o nada é a estrutura constitutiva do ser” (1970, p.83). Ou seja, existe no interior do ser, ou do (*dasein*) um mundo, e é negando que ele se revela. Logo, o eu- lírico de ambos os poemas, quando diz “não ser nada”, “não querer nada”, revela-se, e revela-se diante da angustia, trazendo consigo a experiência da solidão. Portanto, o eu-lírico é essa angustia, que se lança no mundo contra a sua vontade.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, empenhamos em fazer apologia a não-existência nos poemas: “*Tabacaria*” e “*Lisbon Revisited*” de Álvaro de Campos. De acordo com o existencialismo de Sartre, o eu-lírico dos poemas analisados durante o trabalho, foram “acusados” de ser inautêntico, isso porque buscaram negar a sua existência. Assim, o nosso objetivo foi o defendê-los de tais “acusações”. Para isso, nos apropriamos da ideia de morte, pois foi a partir do momento que o eu- lírico, em ambos os poemas, fala da morte, que pudemos fundamentar a nossa defesa em relação à negação da existência. O homem, assim como o eu- lírico dos poemas, pode estar no mundo contra a sua vontade, No entanto, isso não faz dele um sujeito inautêntico. Então, o reconhecimento da morte para o eu- lírico, não como um fim da vida, mas como uma possibilidade da existência, torna o ser autêntico. Quanto ao nada, podemos dizer que esta ideia liga-se a ideia de morte.

Nosso trabalho se apoiou na filosofia moderna, por meio da qual levantamos nossas hipóteses. Com Sartre e com Heidegger, entendemos que o nosso eu- lírico não é inautêntico, que ele é livre até mesmo para negar a sua existência.

Concluimos, portanto, que o homem é a realidade humana, é o sujeito da ação mesmo diante da negação, mesmo indo contra a vontade de existência. O poeta Fernando Pessoa buscou explicar o caos cósmico, e de acordo com Moisés:



O poeta parte do relativo (ou Relativo) para (ou Absoluto). Tudo se passa como se ele, fenomenologicamente colocado-se diante do mundo, tentasse reconstruí-lo ou ordená-lo do nada, recebendo como se fosse pela primeira vez os impactos mil vezes sofridos pelos os homens no curso da História e sentido-os como descoberta “pura”, isenta das anteriores deformações intelectuais.(MOISÉS, 2008, p.333)

Essa citação reflete não apenas o pensamento do poeta Fernando Pessoa, mas o próprio eu- lírico de Álvaro de Campos, daí a proximidade entre ambos. Pessoa traz as angústias do sujeito no curso da história. Com isso, podemos ver o eu- lírico e seu desdobramento no curso da história, claramente observados. Em “*Lisbon Revisited*”, estes sujeitos são singulares no decurso da história, e o eu- lírico expressa em atos aquilo que lhe é interior. Assim, pensado em oposição, alicerçando na filosofia existencialista, analisamos e reconhecemos os resultados das ações vividas pelo eu- lírico dos poemas “*Tabacaria*” e “*Lisbon Revisited*”.

## REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOISÉS, Massaud (1960). Literatura Portuguesa. ed. 36º . São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. Literatura Portuguesa Através dos Textos. ed. 23ª. São Paulo: Cultrix, 1968.

HUISMAN, Denis. História do Existencialismo. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: Editora Sagrado Coração, 2001.

PESSOA, Fernando. Obras em Prosa. Vol. Único. Org., Int. e Notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PESSOA, Fernando. Obra Poética. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar, 1972.

Poema Tabacaria. Disponível em:

<http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acampos/456.php> Acesso em: 02/07/2014

Poema Lisbon Revisited. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/facam15.html>  
Acesso em: 26/07/2014

SARTRE, Jean- Paul. O Existencialismo é Humanismo. Tradução e Notas de Vergílio Ferreira. ed. 3ª . Lisboa: Presença, 1970.

ZUIN, João Carlos Soares. Crise da Modernidade no Século XX.

## ANEXOS

Álvaro de Campos  
 Tabacaria  
 (1928)

Não sou nada.  
 Nunca serei nada.  
 Não posso querer ser nada.  
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.  
 Janelas do meu quarto,  
 Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é  
 (E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
 Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,  
 Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
 Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
 Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
 Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,  
 Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.  
 Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
 Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
 E não tivesse mais irmandade com as coisas  
 Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua  
 A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada  
 De dentro da minha cabeça,  
 E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.  
 Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
 Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
 À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
 E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.  
 Falhei em tudo.  
 Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.  
 A aprendizagem que me deram,  
 Desci dela pela janela das traseiras da casa.  
 Fui até ao campo com grandes propósitos.  
 Mas lá encontrei só ervas e árvores,  
 E quando havia gente era igual à outra.  
 Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?  
 Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
 Ser o que penso? Mas penso tanta coisa!  
 E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
 Gênio? Neste momento  
 Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,  
 E a história não marcará, quem sabe?, nem um,  
 Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.  
 Não, não creio em mim.  
 Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!  
 Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?  
 Não, nem em mim...

Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo  
 Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?  
 Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas -  
 Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas -,  
 E quem sabe se realizáveis,  
 Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?  
 O mundo é para quem nasce para o conquistar  
 E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.  
 Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.  
 Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,  
 Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.  
 Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,  
 Ainda que não more nela;  
 Serei sempre *o que não nasceu para isso*;  
 Serei sempre só *o que tinha qualidades*;  
 Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,  
 E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
 E ouviu a voz de Deus num poço tapado.  
 Crer em mim? Não, nem em nada.  
 Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente  
 O seu sol, a sua chave, o vento que me acha o cabelo,  
 E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.  
 Escravos cardíacos das estrelas,  
 Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;  
 Mas acordamos e ele é opaco,  
 Levantamo-nos e ele é alheio,  
 Saímos de casa e ele é a terra inteira,  
 Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.  
 (Come chocolates, pequena;  
 Come chocolates!  
 Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
 Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.  
 Come, pequena suja, come!  
 Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
 Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,  
 Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)  
 Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
 A caligrafia rápida destes versos,  
 Pórtico partido para o Impossível.  
 Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,  
 Nobre ao menos no gesto largo com que atiro  
 A roupa suja que sou, em rol, pra o decurso das coisas,  
 E fico em casa sem camisa.  
 (Tu que consolas, que não existes e por isso consolas,  
 Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,  
 Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,  
 Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,  
 Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,  
 Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,  
 Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -

Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!  
 Meu coração é um balde despejado.  
 Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco  
 A mim mesmo e não encontro nada.  
 Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
 Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os CARROS que passam,  
 Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
 Vejo os cães que também existem,  
 E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,  
 E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)  
 Vivi, estudei, amei e até cri,  
 E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.  
 Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,  
 E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses  
 (Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);  
 Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo  
 E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.  
 Fiz de mim o que não soube  
 E o que podia fazer de mim não o fiz.  
 O dominó que vesti era errado.  
 Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
 Quando quis tirar a máscara,  
 Estava pegada à cara.  
 Quando a tirei e me vi ao espelho,  
 Já tinha envelhecido.  
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.  
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
 Como um cão tolerado pela gerência  
 Por ser inofensivo  
 E vou escrever esta história para provar que sou sublime.  
 Essência musical dos meus versos inúteis,  
 Quem me dera encontrar-me como coisa que eu fizesse,  
 E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,  
 Calcando aos pés a consciência de estar existindo,  
 Como um tapete em que um bêbado tropeça  
 Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.  
 Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.  
 Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada  
 E com o desconforto da alma mal-entendendo.  
 Ele morrerá e eu morrerei.  
 Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos.  
 A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também.  
 Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,  
 E a língua em que foram escritos os versos.  
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.  
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente  
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,  
 Sempre uma coisa defronte da outra,  
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,  
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,

Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,  
 Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.  
 Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)  
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.  
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,  
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.  
 Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los  
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.  
 Sigo o fumo como uma rota própria,  
 E gozo, num momento sensitivo e competente,  
 A libertação de todas as especulações  
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.  
 Depois deito-me para trás na cadeira  
 E continuo fumando.  
 Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.  
 (Se eu casasse com a filha da minha lavadeira  
 Talvez fosse feliz.)  
 Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.  
 O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).  
 Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.  
 (O Dono da Tabacaria chegou à porta.)  
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.  
 Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo  
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

Álvaro de Campos  
 Lisbon Revisted  
 (1923)

Não: Não quero nada.  
 Já disse que não quero nada.  
 Não me venham com conclusões!  
 A única conclusão é morrer.  
 Não me tragam estéticas!  
 Não me falem em moral!  
 Tirem-me daqui a metafísica!  
 Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas  
 Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —  
 Das ciências, das artes, da civilização moderna!  
 Que mal fiz eu aos deuses todos?  
 Se têm a verdade, guardem-na!  
 Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.  
 Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.  
 Com todo o direito a sê-lo, ouviram?  
 Não me macem, por amor de Deus!  
 Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?  
 Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?  
 Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!  
Vão para o diabo sem mim,  
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
Para que havemos de ir juntos?  
Não me peguem no braço!  
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
Já disse que sou sozinho!  
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!  
Ó céu azul — o mesmo da minha infância —  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.  
Deixem-me em paz! Não tarδο, que eu nunca tarδο...  
E enquanto tarδα o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!